



Identities on the border: e/immigrants south-Brazilian in Paraguay

Vanucia Gnoatto¹

Resumo: O presente artigo trabalha a e/imigração de famílias sul-brasileiras no departamento de Alto Paraná, Paraguai, nas décadas de 1970 e 1980, com o objetivo de analisar a construção da identidade desses emigrantes no exterior. Partindo da revisão historiográfica do tema, busca-se identificar quais elementos de composição de sua identidade étnica e regional foram mantidos, quais traços foram assimilados, dando origem a uma identidade híbrida e quais as tensões presentes nesse processo. Parte-se do pressuposto de que é uma zona fronteira e, consequentemente, com identidades fluídas ou porosas. Mesmo nesse contexto, os imigrantes brasileiros diferenciavam-se em relação ao outro por meio da língua e de sua cultura original. Como fontes de estudo, recorreu-se à revisão historiográfica às fontes orais.

Palavras-chave: Identidade; Fronteira; Emigração; Imigração.

Identities on the border: Emigration and immigration South Brazilian in Paraguay

Abstract: This article deals with the emigration and immigration of South Brazilian families to the department of Alto Paraná, Paraguay, in the decades 1970 and 1980, with the objective of analyzing the construction of the identity of these emigrants abroad. Starting from the historiographical revision of the theme, it is sought to identify which elements of composition of its ethnic and regional identity were maintained, such as language, which traits were assimilated giving rise to a hybrid identity, and the tensions present in this process. It is assumed that it is a frontier zone and, consequently, with fluid or porous identities, but even in this context, the Brazilian immigrants differed in relation to the other through the language and its original culture. As sources of study, historiographic review and oral sources are carried out.

Keywords: Identity; Border; Emigration; Immigration.

Introdução

Ao se estabelecer no Paraguai, os sul-brasileiros procuraram se organizar aos moldes do antigo lugar de residência, reproduzindo nesse espaço características próprias que os identificam culturalmente. Esse processo só foi possível graças às redes sociais que facilitaram a emigração e a inserção em um novo país, promovendo a preservação da cultura original, por meio da língua, das festas e de espaços de sociabilidade, como o Centro de Tradições Gaúchas. Por vezes, é possível perceber que parte desses sujeitos busca assimilar a cultura e as línguas oficiais do Paraguai. No entanto, a grande maioria reforça elementos próprios que os caracterizavam no local de origem, o que, por muitas vezes, gera conflitos e tensões entre os grupos sociais que fazem parte desse espaço.

A metodologia de estudo aplicada consiste no uso da história oral, trabalhando com a memória

¹ Graduada e mestranda em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF).

desses sujeitos, considerada elemento fundamental para entender como os imigrantes se inserem e se socializam no além fronteiras. A memória, consoante Pollak (1992, p. 204), faz parte do sentimento de identidade individual e coletiva, “na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. Ainda sobre a constituição da memória, Candau (2012, p. 18) afirma que

[...] o jogo da memória que funda a identidade é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos: no domínio da identidade étnica, a completa assimilação dos indivíduos pode ser contestada pela sociedade que acolhe, desde que o trabalho do esquecimento de suas origens não tenha se completado.

Emigração de brasileiros ao Paraguai

Para compreendermos a presença de brasileiros em solo paraguaio é fundamental entendermos o contexto histórico em que essa migração está inserida. Na segunda metade do século XX, os interesses geopolíticos e econômicos conduziram a uma aproximação entre o Paraguai e o Brasil, o que contribuiu à emigração de brasileiros para aquele país. Segundo Zamberlan e Corso (2010), o processo migratório iniciou no final da década de 1950 e acentuou-se no final da década de 1960. O presidente paraguaio, Alfredo Stroessner, ao assumir o governo em 1954, manteve estreitas relações com o Brasil, dando passe livre para brasileiros explorar as matas daquele país (EBERT, 2005). O seu projeto de governo desenvolvimentista formulou o Programa de “Crescimento para Fora”, com a finalidade de modernizar a economia local e estimular o povoamento das áreas de fronteira com o Brasil. Naquele contexto, o Brasil também passava por um rápido processo de modernização agrícola e, como consequência, de êxodo rural, em parte, amenizado por essa aproximação (ZAMBERLAM; CORSO, 2010).

A emigração de brasileiros ao Paraguai caracteriza-se por ser composta por grandes famílias de pequenos e médios proprietários, ou arrendatários que possuíam toda uma trajetória ligada ao trabalho com a terra, que envolvia todos os membros dessas famílias. A grande maioria desses sujeitos já havia realizado duas, ou mais, trajetórias migratórias em busca de terras e trabalho como arrendatários, movidos pelo processo de modernização agrícola do qual não conseguiam fazer parte. Os emigrantes distinguem-se por suas trajetórias. Há um grupo constituído de emigrantes que realizaram uma trajetória entre os estados do nordeste e sudeste brasileiro, vindo a se estabelecer no Paraná e, posteriormente, no Paraguai. Já outro grupo é composto de emigrantes sul-brasileiros, sendo a grande maioria de ascendência europeia, especialmente alemã e italiana, que migrou em busca de terras entre os estados do sul. Uma terceira parte migrou direto dos três estados para o Paraguai.

As várias trajetórias realizadas por esses e/imigrantes fazem pensar sobre a condição desses sujeitos. Sayad (1998, p. 45) defende que existe uma dupla contradição na imigração: [...] “não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade.” Entretanto, “insiste-se com razão na tendência atual que os imigrantes possuem de se ‘instalar’ de forma cada vez mais duradoura em sua condição de imigrantes”. Assim, a condição provisória tornava-se definitiva.

A família de Pedro Darci Scholl, em suas várias trajetórias aponta para uma reflexão sobre essa

provisoriamente do migrante. Naturais de São Sebastião do Caí, Rio Grande do Sul (RS), eles migraram para Porto Novo, hoje São João do Oeste, Santa Catarina (SC), e para Missal, Paraná (PR), em busca de terras melhores e em grande quantidade. Contudo, tiveram em todas as suas migrações as expectativas frustradas. Dessa forma, a emigração ao Paraguai passou a ser uma opção para a família Scholl. Após averiguar as informações dos vizinhos que já haviam migrado sobre as terras paraguaias, o patriarca da família adquiriu terras para três de seus dez filhos em 1980. Esses constituíram famílias e se estabeleceram no Paraguai. Com o tempo, outro irmão, Pedro, consegue adquirir terras próximas a dos irmãos já estabelecidos no país vizinho. Ao fim de 1985, o patriarca da família, João Willibaldo Scholl, e sua esposa, Irma Petri Scholl, fixam residência próxima aos seus filhos, em Santa Rita.

Essas famílias, em sua terra natal ou em seus locais de destino que antecederam a emigração ao Paraguai, tomaram conhecimento da oferta de terras e, depois de verificar a veracidade das informações, decidiram por emigrar. A propaganda dava-se pelos meios de comunicação, corretores e vendedores, ou de conhecidos, parentes, amigos e vizinhos que já haviam migrado e que faziam parte de uma rede de contatos que estimulavam e dava credibilidade à iniciativa de emigrar. Como afirma Ramella (1995, p. 21 apud SAQUET; MONDARDO, 2008, p. 123), são essas redes sociais “que formam parte, e que constroem e que estruturam as oportunidades. [...] são esses elementos que abrem e fecham o acesso as oportunidades”. Nessas situações, nem todos tinham acesso a todas as informações, somente os que tinham contatos influentes conseguiam as melhores oportunidades.

Na migração de muitas famílias havia um envolvimento e articulação no processo migratório entre várias delas que, de forma coletiva, buscavam juntas enfrentar as dificuldades. Essa experiência foi vivenciada por Amélia Ebert Haupt, natural do RS que, em 1977, diante do risco de ter as suas terras inundadas pela represa da usina de Itaipu migra com esposo e filhos para a colônia de Santa Rosa del Monday, no Paraguai. Novamente, realizam outra migração na mesma cidade com mais cinco famílias que trouxeram a mudança em um único caminhão. Como descreve Amélia, “os homens foram catorze dias antes fazer uma casa assim e daí todo mundo se ajeitou [...]; foi feita uma construção assim que serviu de escola e igreja pra culto e missa, e todas as crianças iam ali pra aula” (Amélia Ebert Haupt, Santa Terezinha do Iguaçu, 13 jan. 2019).

A grande maioria dessas famílias migrantes carregava consigo uma experiência de vida comunitária que permitia uma abertura para enfrentar as dificuldades presentes em suas novas propriedades e problemas de outra ordem, como acesso à saúde, à educação e às estradas. Por intermédio de comunidades ligadas a uma religião, formaram-se comissões e associações para enfrentar as dificuldades iniciais. Essas organizações possibilitaram o surgimento de novas cidades criadas em sua maioria pelos imigrantes.

Quanto às cidades e localidades criadas por eles, uma atitude bem comum era a denominação que se assemelhava, ou era a mesma, das antigas cidades e localidades de onde procediam os imigrantes. Como exemplo em nossa pesquisa de campo com imigrantes que partiram do Rio Grande do Sul, encontramos referências a algumas cidades, como Cerro Largo, que, em Santa Rita, denomina um bairro e a cidade de Santa Rosa, que, no Paraguai, denomina uma cidade – Santa Rosa del Monday, demarcando um rio próximo ao local. Já a fala de Silvina Rauber mostra a reprodução de nomes existentes nas cidades do Paraná, local em que a sua família residia antes de migrar para Naranjal, no Paraguai.

Depois que nós fomos pra lá, foi muita gente aqui da região do Paraná, mas nós fomos os primeiros porque o pai foi e ele era bem conhecido aqui e, dali pra frente, foi muita gente e fundou várias comunidades com os mesmos nomes que tinha no Paraná, Nova Esperança, Linha 12, agora São Armando, só mudavam um pouco nome, mas eram daqui conhecidos. [...] Os conhecidos iam levando um e outro (Silvina Rauber, Santa Terezinha do Itaipu, 21 jan. 2019).

Esse nomear novos espaços como o nome dos antigos é percebido por Gregory (2008) ao estudar os colonos que saíram do sul do país e se instalaram no Paraná. Em ambos os espaços, os sujeitos constituíram, preservaram e cultivaram instituições, como igrejas, escolas comunitárias, associações e festas existentes no sul do país.

Conforme esse autor, “para os colonos das novas localidades, a nova identidade está sentada sobre a identidade antiga, cujas raízes estão na cidade natal”. O mesmo segue afirmando que “esta realidade alimentava o desejo de continuidade da pulsão migratória na medida em que o ‘novo’ se constituía no ‘velho’ renovado, possibilitando a reconstrução espacial”, o que diminuía o sentimento de perda, trazendo uma sensação positiva, resgatando e renovando o que foi deixado pra trás (GREGORY, 2008, p. 137).

Nesse sentido, para Beneduzi (2004, p. 264), a nostalgia experimentada sensivelmente pelo emigrante no contato com o seu mundo imagético, deixado para trás, conduziu a um “jogo de colagens”. Assim, “ele [o imigrante] mescla com o novo ambiente, imagens evocativas de um passado e experiências que prefere não esquecer.” O caso da emigração de grandes famílias ao país fronteiriço só potencializou a evocação desse sentimento, levando a reproduzir nesse espaço instituições sociais e religiosas aos moldes das existentes nos locais de origem.

A Língua Portuguesa

Entre os elementos preservados pelos imigrantes brasileiros no Paraguai tem-se a língua portuguesa. Em muitas cidades do departamento de Alto Paraná, o português é o idioma mais falado pelos imigrantes que estão há quatro gerações naquele país e pelos seus descendentes já paraguaios, o que conduziu os paraguaios natos que migraram para essas cidades a um caminho inverso, pois necessitam aprender a falar o português para conseguir trabalho e se socializar nessas cidades. A fala do intendente municipal de Santa Rita, paraguaio nato, explica como funciona essa dinâmica.

La cultura brasileña es digamos bien fuerte en el sentido de que nosotros los paraguayos nos ajustamos más al brasilero que el brasilero al paraguay, en el idioma por ejemplo: paraguaio a maioria fala português aqui, você vai encontrar muitos brasileiros que não falam de repente espanhol, o paraguaio se acomoda más rápido por mucho factores, nos años 90 la televisión era todo portugués, nosotros no teníamos parabólica entonces yo veía chaves todo en portugués. Yo me iba a Caacupé con mi primo y era diferente verdad, primera vez escuchaba en español [...] la tele era siempre en portugués, todo era o jornal, porque no havia y Paraguai no ténia. [...] Ahora hay una mentira también de que la gente de la capital habla de que acá se canta el hino nacional brasilero que se alça la bandera nacional del Brasil eso es mentira nunca! En las escuela siempre se enseñó el español, siempre se cantó el hino nacional, siempre se alço la bandera del Paraguay (Cesar Landy Torres, intendente distrital de Santa Rita, 27 jul. 2018).

O avanço da língua portuguesa e da cultura brasileira, por meio de uma rede cultural criada pelos imigrantes no departamento (estado) do Alto Paraná nos leva a pensar sobre o lugar ocupado pelos imigrantes e pelos paraguaios natos. Elias e Scotson (2000) através das categorias de *Estabelecidos* e *Outsiders* ajudam a entender o jogo de poder existente. Nessa realidade, os brasileiros, por exercerem

grande influência por intermédio de suas expressões culturais, passam, mesmo sendo imigrantes, a serem vistos como os estabelecidos, deixando para os paraguaios em seu próprio país o papel de *outsiders* – um elemento de fora.

O agente da Pastoral do Migrante e ex-vereador da cidade de Santa Rita, Jacó Weller, reconhece que, entre os imigrantes brasileiros, existe um erro em não adotar as línguas próprias do país em que residem. Ele aponta a dificuldade dos paraguaios natos em manter a sua cultura.

A maior dificuldade é os paraguaios continuar a cultura deles na nossa região [...] Eu acho que é um erro dos nossos imigrantes, porque os nossos filhos, por exemplo, o guarani só o que eles aprendem no colégio porque não se fala, porque os paraguaios em nossa região e hoje já são bastante falam mais o português do que [...] máximo o espanhol, guarani muito pouco (Jacó Weller, Foz do Iguacu, 17 jan. 2019).

Nessas cidades fronteiriças, é comum as rádios destinarem espaço para programação no idioma português. Além disso, a propagação de veículos de comunicação brasileiros permite que os laços com o país de origem se mantenham mais forte. A fala seguinte ilustra esse processo.

Em relação ao Brasil, a gente tem muito contato, muita informação e muito acesso à cultura brasileira. Por ser uma região de imigrantes, a cultura é muito influenciada pelo que se vê no Brasil. Por exemplo, só pra citar o pessoal, que, de origem brasileira, acompanha apenas os canais brasileiros na televisão. Os canais paraguaios não estão na parabólica. Tem que ter aquela antena VHF e os brasileiros muito dificilmente usam esse tipo de antena. Então, muitas vezes, a gente está muito mais informado sobre política, por exemplo, e informações do Brasil do que do Paraguai. Pra se informar sobre o que está acontecendo aqui, só por jornal ou rádio (Neison Scholl Bamberg, Santa Rita, 28 ago. 2016).

As formas de expressões culturais, por exemplo, as músicas que fazem sucesso no país vizinho, rapidamente passam para o outro lado da fronteira e fazem parte do cotidiano dos imigrantes e de paraguaios. Pela proximidade com a fronteira e pelas redes sociais na internet, os brasileiros e seus filhos mantêm uma intensa relação com o Brasil, tanto em nível afetivo quanto no aspecto cultural. A proximidade também facilita as visitas realizadas a familiares que são feitas com frequência. Nesse sentido, Hall (2003, p. 35-36) defende a mobilidade das culturas ao afirmar que “as culturas sempre se recusam a ser encurraladas dentro das fronteiras nacionais. Elas transgridem os limites políticos.”

Ao referir-se às culturas nacionais, Hall afirma que estas formam uma das principais fontes de identidade cultural. Ainda segundo o autor, “essas identidades não estão impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte da nossa natureza essencial” (HALL, 2002, p.47). Essa afirmação ajuda a compreender o porquê da ligação dos imigrantes brasileiros com o Brasil ser ainda tão forte.

Espaços de sociabilidade

A expressiva presença de imigrantes brasileiros nesse espaço possibilitou uma rápida adaptação às novas terras e a reprodução de modelos próprios de organização social e cultural presentes no país de origem, com a predominância da cultura do Rio Grande do Sul e de características étnicas alemãs e italianas. Isso, nos primeiros anos, levou a embates, em especial, em algumas comunidades constituídas de diversos e diferentes grupos de imigrantes que possuíam culturas diferentes que entravam em atrito acerca do modo como agir e realizar atividades.

O emigrante que, ao mesmo tempo carrega o espírito aventureiro e empreendedor ao cruzar a fronteira, traz uma série de elementos que o identificam como pertencente a uma nacionalidade e etnia, ao cruzar a fronteira, tende a reforçar elementos próprios de sua identidade. Ele é percebido como mais brasileiro que o seu conterrâneo que não migrou. Esse é o sentimento de quem se encontra em uma fronteira, em que é possível estabelecer relações de reciprocidade com a alteridade – aproximação ou distanciamento.

Para Albuquerque (2005), nessa realidade a imigração brasileira apresenta-se como uma fronteira em movimento porque ultrapassa o limite internacional e constrói várias fronteiras no território paraguaio, como por exemplo, “os limites entre o cidadão e o estrangeiro, as diferenças das línguas nacionais, confrontos entre mentalidades capitalistas e culturas camponesas e as fronteiras de um passado de conflitos entre os dois países” (ALBUQUERQUE, 2005, p.16).

Segundo Martins (1996, p. 27) a fronteira se apresenta como “o lugar da alteridade” e onde “conflito social”, torna-se algo singular. Na primeira impressão, ela pode ser um local de encontro. No entanto, o conflito torna a fronteira em um só momento “um lugar de descoberta do outro e desencontro.” Para o autor, “o desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da História.” Nesse sentido, o desencontro de perspectivas é expressão da “contraditória diversidade da fronteira” (p.30); trata-se de uma variedade de relações sociais marcadas por tempos históricos diversos contemporâneos.

Conforme Barth (1998, p. 188), as fronteiras resistem, embora haja um fluxo de pessoas que as atravessem. Assim, as diferenças entre categorias étnicas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato e informação, mas conduzem a processos sociais de exclusão e de inclusão pelos quais categorias discretas são mantidas. “As distinções étnicas não dependem de uma importância social e aceitação, mas são, ao contrário, frequentemente as próprias fundações sobre as quais são levantados os sistemas sociais englobantes.” A cultura vai se afirmando no contato com a alteridade. É o contato étnico que mantém a etnicidade.

Nessas cidades fronteiriças, como exemplo na cidade de Santa Rita, todos os anos, ocorrem bailes de Kerb e jantas promovidas pela etnia alemã e italiana nos quais os trajes e as comidas típicas se fazem presentes, mostrando o quanto a ligação com a identidade étnica é forte para esses descendentes de imigrantes europeus, graças à preservação da memória dos antepassados. As festas maiores nas cidades em que predomina a população brasileira surgiram seguindo o modelo das praticadas nas antigas colônias desses imigrantes. Entre essas, percebe-se uma integração cultural maior nas festas juninas, quando ocorre uma mescla de danças e culinárias dos dois países.

Na fala do casal Ivani Hirsch Bartz e Vilmar Bartz, visualizamos a descrição de como acontece a integração entre as culturas brasileiras e paraguaias. Porém, na mesma fala, percebemos que, por mais que se busque uma integração, ela parece pequena e tímida, pois nota-se entre os imigrantes certa resistência em acolher e assimilar a cultura paraguaia. Assim se constata que a presença de elementos característicos da cultura do Rio Grande do Sul é maior.

Quando tem as festas juninas se faz uma mistura de tradição, se faz uma mistura de comidas. O que mais se festeja e une o povo são as festas juninas. Ali tem essas danças da cultura paraguaia, folclórica, cultura espanhola. As festas grandes das comunidades [...] prevalecem à cultura brasileira do churrasco, maionese, cuca. Prevalece a cultura do sul, trazida pro Paraguai [...] As festas grandes é o ritmo e a cultura brasileira que prevalece. E mais gaúcha ainda,

muito gaúcha, o tipo do churrasco, a maneira de preparar a festa é muito do Sul (Ivani Hirsch Bartz e Vilmar Bartz, San Alberto, 28 jul. 2018).

Ao descrever a relação entre brasileiros e paraguaios natos, o intendente municipal da cidade de Santa Rita identifica que, além da integração entre as culturas, existe, ainda, entre esses sujeitos, de ambos os lados, um preconceito:

La integración de culturas fue muy positivo aquí en Santa Rita y la región, yo me acuerdo en los años 90 habían un poco de dificultad, de repente un poco de racismo de parte de los paraguayos y con brasileros y también de la parte de los brasileros con los paraguayos, de ambas partes. Pero los hijos ya de ellos que nosotros empezamos traer en la escuela con la ayuda de los profesores la gente entendieron que se pude superar esto. Hoy en día no veo muy fuerte esto [...] Siempre hay una parte racista por decir así de ambos los lados, pero muy baja que no influye en lo crecimiento de las sociedad, en la integración, no está fuerte esto instalado (Cesar Landy Torres, intendente distrital de Santa Rita, 27 jul. 2018).

Há casos de imigrantes que estão integrados às áreas econômica e política, mas não à cultura. Isso é bastante comum entre os imigrantes brasileiros de mais idade de ascendência europeia. Há, também, casos em que existe uma abertura que conduz a uma reciprocidade maior com o diferente, levando o imigrante a envolver-se em um sentimento de pertencimento e a assimilar elementos próprios da cultura paraguaia.

A pesar de que llegue al país ya casi con 15 años, hoy puedo decir que no soy más una extranjera sino más bien una ciudadana de este lugar donde crecí, casé y tuve mis 4 hijos [...] Además, en estos lugares solo había presencia de migrantes brasileros lo que hacía más fácil la adaptación, con el decorrer del tiempo es que fue creciendo la población y llegando migrantes internos del Paraguay lo que obligó a acostumbrarse al español [...] y a las costumbres de los nativos del país. Estas personas, paraguayos nativos, llegaron a esta zona principalmente para dedicarse al comercio, farmacias, escuelas y seguridad. La adaptación se hizo muy fácil, ya que la convivencia era pacífica y respetuosa entre todos (Noeli Maria Patuch Rambo, Santa Rita, 7 set. 2016).

O processo de assimilação cultural acontece tanto para os paraguaios quanto para os imigrantes, variando a abertura existente entre ambos para a formação de identidades híbridas. No entanto, no caso da imigração de rio-grandenses, ainda que ocupassem vários espaços ecológicos e geográficos diferentes, eles conservaram a unidade cultural e étnica básica por longos tempos (BARTH, 1998, p. 133).

No me siento una inmigrante, estoy totalmente presente en esta realidad y es un gran enriquecimiento compartir con la diversidad étnica que, con el tiempo fueron llegando aquí en Santa Rita, Alto Paraná, Paraguay, donde vivo actualmente. Esta convivencia ayuda a abrir los horizontes! Podemos cultivar la cultura guacha aprendida de Brasil y a través de instituciones como el CTG Indio José (centro de tradiciones gauchas) nuestros hijos nacidos en Paraguay también disfrutaban aprenden y vivencian la cultura brasilera. Y hasta podemos decir, que en varias ocasiones nuestros hijos fueron a representar al CTG de Paraguay (Lema: en cualquier nación todo por la tradición) bailando las danzas gauchas y han traído premios en los diferentes eventos (Rodeios) en que han participado, destacando así como en la distancia se continúa difundiendo la patria brasilera y el amor a ella (Noeli Maria Patuch Rambo, Santa Rita, 7 set. 2016).

Essa conservação da unidade cultural é percebida, sobremaneira, mediante o culto ao tradicionalismo gaúcho entre imigrantes e filhos de imigrantes rio-grandenses nos diversos espaços por eles ocupados, como no caso especial do Paraguai. Torna-se importante pensar na questão da diferenciação da tradição e do costume. Segundo Hobsbawm e Ranger (1984), tradição é a invariabilidade, em que o passado forjado ou inventado impõe práticas fixas, como a repetição. Por outro viés, o costume não impede as inovações, porque o ser humano não é algo estático e imutável. Como exemplo de costume, temos a ação de um juiz e, como exemplo de tradição, os símbolos que envolvem o juiz.

[...] “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores ou normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente; uma continuidade com relação ao passado (HOBSBAWM; RANGER 1984, p. 10).

Um caso típico de invenção de tradições que marca as relações sociais estabelecidas é o CTG em Santa Rita Paraguai. Esse espaço vai além da dança e das festas tradicionalistas. Trata-se de um espaço de socialização entre os imigrantes e os paraguaios. Como relata um professor de dança gaúchesca:

A maioria dos brasileiros que moram em Santa Rita participam ativamente do CTG. Além disso, muitos paraguaios também participam e gostam das músicas e acham bonito. O CTG é o principal ponto de lazer da cidade, organizamos jantares dançantes, festas do dia da mulher e a Expo que é o maior evento que participamos e ajudamos a promover (BACK, 2014, p. 49).

O próprio nome do CTG (Figura 1) já consiste em um indício dessa peculiaridade: Índio José. Por mais que tenha sido formado por imigrantes brasileiros, traz no nome o elemento indígena que caracteriza a maioria da população do Paraguai. Isso evidencia a relação que o imigrante estabelece entre elementos de sua identidade e elementos de novas terras.

Figura 1. CTG Índio José (Santa Rita, Paraguai)



Fonte: Kaefer Fest (2016).

É importante discutir a incorporação da identidade gaúcha pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho

(MTG) como a verdadeira identidade do povo do Rio Grande do Sul. Como sabemos, o gaúcho é um sujeito da fronteira com características próprias que não representam nenhuma parte da diversidade identitária do RS. Golin (2011, p. 4) defende que “o paradigma rio-grandense é o Rio Grande multicultural e multiétnico. Sua fronteira de involucramento é a mestiçagem. O autêntico é a diversidade. E não exclusivamente o padrão gauchesco. O nexó é a alteridade, o reconhecimento do outro.”

Outro elemento que denota essa invenção de tradições e a mescla cultural refere-se às danças, pois todas as tradições se apropriam de várias características culturais eleitas pelos grupos que as constituem. Nesse espaço de fronteira, essa interação cultural constitui a identidade cultural híbrida. O CTG, nessa realidade, não se apresenta como um espaço de um grupo fechado, mas como um ambiente de construção de relações sociais entre os diversos grupos culturais. A imagem da porteira do CTG representa essa integração entre o RS e o Paraguai e de forma muito interessante: designando os paraguaios de índios, criando uma relação de superioridade.

Sobre a identidade, Hall (2002) defende que “o sujeito previamente vivido, como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado, composto não por uma, mas por várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (p.12). Trata-se de algo que se constitui ao longo do tempo na vida dos envolvidos, por meio de processos inconscientes, e não como algo pronto que se recebe em no nascimento. Dessa forma, segundo o autor, ao invés de falarmos em identidade como algo concluído, devemos falar em identificação e sempre pensá-la como um processo em movimento (HALL, 2002).

Ainda segundo Hall (2000), “as identidades podem funcionar, ao longo de toda a história, como pontos de identificação e apego apenas por causa de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em “exterior”, *em abjeto*” (p. 110). O autor segue afirmando que

[...] toda a identidade tem, à sua “margem”, um excesso, algo a mais. A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta” mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado (HALL, 2000, p. 110).

No contexto atual, devido aos processos migratórios pós-modernos, prevalecem as identidades híbridas. Conforme Hall (2002, p. 89), os sujeitos precisam aprender a viver “no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais a traduzir e negociar entre elas as culturas híbridas constitui um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia.”

Em cidades nas quais a presença de imigrantes brasileiros é menor, ou o trabalho do imigrante exige um contato maior com os paraguaios natos, o processo de constituição de uma identidade híbrida é maior. É o caso de Maria Gessi Soledade dos Santos, natural de Francisco Beltrão, PR, que, quando criança, migrou com sua família para a cidade de Hernandaria, no Paraguai, constituída, em sua maioria, por paraguaios natos. Em sua fala, ela descreve a cena em que foi identificada como paraguaia:

Esses tempo eu fui ali na Ciudad del leste e uma paraguaia falou assim: o que você fez pra casar com brasileiro? Eu falei: eu pedi a Deus! Ela acha que eu era paraguaia por que falava em paraguaio. E ela falou: a porque yo queria tanto um brasileño y ustedes teve suerte (Maria Gessi Soledade dos Santos, Foz do Iguaçu, 19 jan. 2019).

Esse processo é vivenciado pelos imigrantes, sobretudo pelos descendentes de imigrantes que, na convivência na escola com os paraguaios natos, foram se abrindo e aprendendo com o diferente. O relato

de Áureo Friguetto explica um pouco dessa dinâmica.

Eu comecei a estudar com os paraguaios, então eu tinha muita dificuldade com a língua. Costumava-se ensinar em espanhol, mas o que se falava na hora do recreio era só o guarani. Então eu ficava meio acanhado, eu ficava num canto meio quietinho, sem ter aquela integração com os colegas. Com o decorrer do tempo, fui aprendendo. Depois que eu aprendi o espanhol e o guarani, ficou tudo mais fácil. Já não havia a discriminação. Existia discriminação com os brasileiros que não tinham facilidade de aprender, esses eram discriminados na escola (FIORENTIN, 2010, p. 96).

Esse relato aponta que o fato de o imigrante ter aprendido a falar as línguas possibilitou sua aceitação no grupo. Nesse contexto, percebemos o quanto a identidade pode ser jogada, ou melhor, negociada nesses espaços fronteiriços. A categoria de negociado de Lesser (2001) possibilita entender como os imigrantes se colocaram nesse espaço fronteiriço. Por vezes, assumiam sua identidade nacional brasileira; por outras, suas identidades étnicas; e outras, uma identidade paraguaia, como forma de serem aceitos e respeitados pelos diversos grupos com quem se relacionavam nesse espaço.

Nesse sentido, temos nesse espaço fronteiriço, onde diferentes culturas dialogam e negociam entre si, aquilo que Bhabha (1998, p. 20) chama de “entre lugar”. Esse “entre lugar” oferece o espaço para a criação “de estratégias de subjetivação singular e coletiva que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação no ato de definir a própria ideia de sociedade.” O migrante, nesse entre lugar, além de adquirir duas identidades, torna-se também um ser dividido entre duas nações: a pátria mãe, que o gerou, e a pátria que lhe deu a possibilidade de trabalho e de constituição de uma família. Esse processo pode ser reconhecido no relato seguinte.

A gente tem saudade do Brasil. A gente vai lá, mas a gente já não vê de novo a vontade de voltar, porque aqui a gente se sente mais em casa ainda. Vontade enorme de morar no Brasil a gente tem, mas, quando a gente vai passear lá, a gente já sente saudade de novo de voltar pra casa. Quando a gente pisa em solo nacional paraguaio de novo, a gente se sente em casa. Porque a gente construiu toda a nossa vida aqui (Neiva Fridrichs, Santa Rita, 26 jul. 2018).

No lugar de origem, o migrante teve uma vivência a partir da qual adquiriu elementos culturais que o identificam e foram transportados consigo na emigração. No entanto, com o tempo, ele adquire elementos culturais próprios do local de destino. Essa realidade conduz a um processo de transformação desse sujeito que ainda nutre, em muitos casos, um sentimento forte com a pátria mãe, mas, ao estar em presença dessa, não é preenchido, pois já não se satisfaz mais, porque a sua terra mudou e ele também.

Considerações finais

Ao chegarmos ao final desta reflexão sobre as identidades dos imigrantes sul-brasileiros no Paraguai, podemos constatar a presença de fortes redes sociais entre esses que facilitou a emigração e a inserção deles no Paraguai. Ao mesmo tempo, essas redes criadas em diversos espaços de sociabilidade possibilitaram a manutenção de características próprias de sua identidade étnica, regional e nacional.

Concomitante, percebemos, nesse espaço fronteiriço com o avanço da cultura e da língua trazidas pelos imigrantes, uma situação atípica nos processos migratórios, em que o cidadão do próprio país busca aprender a língua do imigrante. Isso porque os brasileiros pouco, ou quase nada, falam o espanhol e/ou o guarani.

A preservação de elementos tradicionalistas para representar a nacionalidade se manteve ainda mais forte nessas cidades, mostrando que as “tradições inventadas” costuraram uma ideia de pertencimento e identidade diante da alteridade. A manutenção de festas das etnias alemã e italiana em território paraguaio denota uma busca pela preservação de aspectos culturais dos antepassados que, ainda hoje, são muito fortes.

A constituição de uma identidade híbrida entre os imigrantes brasileiros e os filhos de imigrantes nos possibilitou perceber como eles se colocam numa posição de “entre lugar”. Por um lado, isso reforça elementos culturais, sociais e sua identidade. Por outro, abre-se ao novo e ao que ele tem a oferecer, demonstrando o quanto a identidade é um processo de construção constante que acontece na relação com a alteridade.

Referências

- ALBUQUERQUE, J. L. C. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai**. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.
- BACK, Andressa. **Multiplicidade na fronteira: o fenômeno das identidades em Santa Rita Paraguai**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2014.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF FENART, Joceline. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1998.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.
- BENEDUZI, Luís Fernando. **MAL DI PAESE: As reelaborações de um Vêneto imaginário na ex-colônia de Conde D’EU (1884 1925)**. 2004. 324 f. Tese (Doutorado) - Curso de Historia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FIORENTIN, M. I. **A experiência de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- GOLIN, Luiz Carlos Tau. Hegemonia gauchesca. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). **Patrimônio, memória e poder**. Reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural de Passo Fundo (RS). Passo Fundo: Méritos, 2011. p. 155-188. v. 1.
- GREGORY, Valdir. **Eurobrasileiros e o espaço colonial**. Migrações no Oeste do Paraná (1940 1970). 2. ed. Cascavel: Edunoeste, 2008.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e trad.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p.103-133.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terense (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2001.

- MARTINS, José de Souza. O tempo da fronteira. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. **Tempo social**; Ver. Sociol. USP, São Paulo, v. 8, n.1, p. 25-70, maio de 1996.
- POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.
- SAQUET, Marcos Aurélio; MODARDO, Marcos Leandro. A construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. **Revista NERA**, Presidente Prudente ano 11, n°.13, jul-dez/2008. p.118-127
- ZAMBERLAN, Jurandir; CORSO, Giovanni (Org.). **Emigrantes brasileiros no Paraguai: presença Scalabriniana**. Porto Alegre: Solidus, 2010.

FONTES ORAIS

- Amélia Ebert Haupt, aposentada, natural de Estrela Velha, RS, residente em Santa Terezinha do Iguaçu, entrevista concedida em 13/01/ 2019.
- Cesar Landy Torres, intendente distrital de Santa Rita, entrevista concedida em 27/07/2018.
- Ivani Hirsch Bart, natural de Tuparândi, RS, residente em San Alberto, PY, entrevista concedida em 28/07/2018.
- Jacó Weller, ex-vereador de Santa Rita, PY, natural de Cerro Largo, RS, entrevista concedida em Foz do Iguaçu, 17/01/2019.
- Maria Gessi Soledade dos Santos, Foz do Iguaçu, natural de Francisco Beltrão, PR, entrevista concedida em 19/01/2019.
- Neison Scholl Bamberg, agricultor, residente em Santa Rita PY, filho de sul brasileiros. Entrevista recebida em 14/09/2016.
- Neiva Fridrichs, comerciante, natural de Tunápolis, SC, residente em Santa Rita, entrevista concedida em 26/07/2018.
- Noeli Maria Patuch Rambo, cozinheira e dona de buffe, natural de Humaitá RS, residente em Santa Rita. Entrevista recebida em 07/09/2016.
- Pedro Darci Scholl, agricultor, natural de São Sebastião do Caí, RS, residente em Santa Rita, 27 jul. 2018.
- Vilmar Bartz, natural de Tenente Portela, RS, residente em San Alberto, entrevista concedida em 28/07/ 2018.
- Silvina Rauber, professora, natural de Santa Catarina, residente em Santa Terezinha do Itaipu, entrevista concedida em 21/01/ 2019.

Recebido em 29/03/2019.

Aceito em 30/04/2019.